

NEGOCIAÇÃO DIFÍCIL

Um clima carregado para Bracher: banqueiros não admitem concessões.

Os bancos credores do Brasil não estão dispostos a fazer muitas concessões nas negociações da próxima semana — é o que afirmou ontem o *Wall Street Journal*, o mais importante jornal econômico dos EUA. Quando chegar a Nova York para seus primeiros contatos com representantes dos banqueiros, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, certamente encontrará um ambiente carregado para suas pretensões. A missão que ele recebeu do governo brasileiro é obter condições de renegociação tão favoráveis quanto as que foram concedidas ao México no ano passado.

“Acho que os brasileiros seriam tontos se aceitassem menos do que obtiveram os mexicanos”, comentou em Nova York o diretor do First Boston, Pedro Pablo Kuczynski, lembrando porém que será preciso negociar muito com os banqueiros. Fontes ouvidas pelo jornal, em Nova York, disseram

que eles farão todo o possível para impedir a redução do serviço sobre a dívida brasileira, que já está em torno de US\$ 108 bilhões, embora reconheçam que sua posição ficou difícil de sustentar depois das concessões feitas ao México.

“As concessões, quando são grandes, tendem a se generalizar”, disse um especialista que trabalha na empresa de consultoria dirigida pelo ex-secretário de Estado Henry Kissinger. O temor dos banqueiros, segundo se comenta, é que ao fazer concessões aos dois maiores devedores (no caso México e, agora, o Brasil) acabem desencadeando um movimento internacional em favor de favores semelhantes aos outros países endividados do Terceiro Mundo.

Há um bom argumento que os banqueiros pretendem usar nas negociações com o Brasil. É que as facilidades obtidas pelo

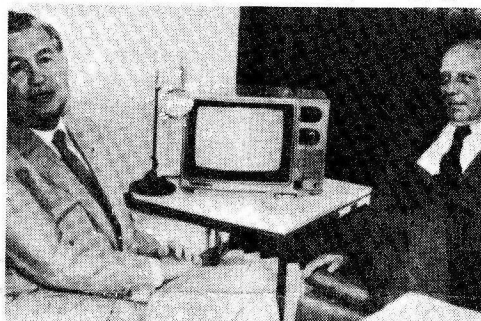
México foram decididas pelo próprio governo norte-americano, juntamente com o FMI e o Banco Mundial, e apresentadas aos bancos como fato consumado. Isso, raciocinam, não acontecerá com o Brasil, vem que se recusando a aceitar as normas de austeridade do FMI.

As negociações com o governo brasileiro serão certamente difíceis. Em Nova York, aguarda-se inclusive a presença do ministro Dílson Funaro, para dar um caráter oficial a um eventual acordo que — pelos planos dos banqueiros — não incluirá facilidades de pagamento maiores que as já concedidas no passado. Fontes ligadas aos credores afirmam que será praticamente impossível repetir-se o que aconteceu com o México, que conseguiu refinanciar uma dívida de US\$ 44 bilhões com juros menores e ainda um novo financiamento de US\$ 6 bilhões.

A França, apoiando a posição brasileira.

O chanceler Jean-Bernard Raimond confirmou ontem, em entrevista no Itamaraty, o apoio francês ao Brasil nas renegociações da dívida externa. “Ao acertar a renegociação da dívida sem o prévio acordo do FMI”, disse o chanceler, “a França, como presidente do Clube de Paris, já contribuiu para o reescalonamento da dívida externa brasileira”. Jean-Bernard Raimond afirmou ainda que espera uma resolução para o Brasil durante a próxima reunião do Clube de Paris no dia 19 de janeiro, quando o país poderá reiniciar a obtenção de créditos, além de novo fluxo financeiro depois de um acordo com os credores.

Depois da segunda reunião de trabalho com o chanceler Abreu Sodré, o ministro francês afirmou que encerrava a sua estada



O chanceler Raimond com Ulysses...

no Brasil com esperanças de que os dois países pudessem ampliar as cooperações no campo científico e tecnológico. Na tarde de ontem, foi assinado o acordo oceanográfico entre os dois países, um início dessa cooperação.

Na pauta de assuntos internacionais, o Suriname ocupou parte das conversações entre os dois chanceleres. O chanceler francês ressaltou as preocupações de seu país com o fluxo de imigração do Suriname para a Guiana Francesa. Ao mesmo tempo, disse que Brasil e França possuem princípios comuns de não intervenção e respeito à soberania.

Na Câmara e no Senado

A França tem-se revelado compreensi-



... e depois com Fragelli.

va em relação ao problema da dívida externa brasileira e o ministro Raimond mostrou grande simpatia para com os problemas brasileiros nessa área — disse ontem, na Câmara, o deputado Ulysses Guimarães, após a visita do ministro das Relações Exteriores da França.

O chanceler francês, Jean-Bernard Raimond, reassegurou o apoio da França na questão da dívida externa, no encontro que manteve ontem pela manhã com os senadores José Fragelli, presidente do Senado, e Nelson Carneiro.

Após o encontro no Senado, em que estiveram presentes o embaixador francês, Bernard Dorin e membros da missão francesa, o chanceler seguiu para um encontro com o ministro da Fazenda, Dílson Funaro.